

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL IV



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL IV



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, *Universidade de Brasília-DF*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*



Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla – La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES – Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. IV / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-59-0

DOI 10.37572/EdArt_290522590

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I. Rodrigues, Jorge José Martins. II. Marques, Maria Amélia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

O livro que ora se encontra nas vossas mãos, no seu quarto volume, é por tradição um livro de temática interdisciplinar e transdisciplinar no campo das ciências sociais aplicadas. É interdisciplinar porque cruza várias disciplinas do saber. A sua transdisciplinaridade fica a dever-se aos múltiplos campos do conhecimento abrangidos, com os trabalhos apresentados a inserirem-se em temáticas emergentes nos vários campos científicos.

A metodologia seguida na organização deste volume, podendo ser discutível, privilegiou os conteúdos dos artigos, o que originou um macro título Sociedade-Cidadão-Ambiente, abrangendo os eixos temáticos: Sociedade, cultura e turismo, Cidadania, saúde e bem-estar, Recursos energéticos e sustentabilidade ambiental. Na construção da estrutura de cada um destes eixos procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, o eixo Sociedade, cultura e turismo é constituído por oito artigos que revelam preocupações holísticas com o planeta Terra. A interdependência financeira das economias desenvolvidas mostra como as liberdades individuais, fruto de redes de relações nem sempre perceptíveis, as quais hipotecam os recursos da sociedade, se nada for feito, podem ter efeitos devastadores nas comunidades locais. Contudo, se o desenvolvimento económico for enquadrado por um planeamento estratégico que congregue os interesses e expectativas dos diferentes *stakeholders*, toda a comunidade poderá sair a ganhar. O desenvolvimento e crescimento turístico com base nos costumes e tradições locais, pode contribuir para o desenvolvimento sustentável dos territórios, pois atrai mais turistas e consumidores, com maior impacto nas produções da economia local, e contribui para o efeito de economias de escala nas produções desses territórios.

O eixo Cidadania, saúde e bem-estar junta seis artigos que, com recurso ao estudo de casos, advogam o diagnóstico precoce, quer de doenças crónicas quer de indícios de violação de direitos laborais ou outros. Na sociedade existem padrões estereotipados, os quais poderão conduzir a que os seus ícones com maior visibilidade se sintam marginalizados por não corresponderem ao que deles se espera, levando os mesmos a viver em mentira e enganos, quais mecanismos conscientes ou inconscientes de sobrevivência. Logo, aquela metodologia permitirá antecipar a implementação de mecanismos para o tratamento adequado e a prevenção da violência, evitando o escalar daquelas anomalias, contribuindo para uma saúde de qualidade e de bem-estar social.

O eixo Recursos energéticos e sustentabilidade ambiental reflete sobre um conjunto de sete artigos, os quais têm como preocupação central as mudanças climáticas e a eficiência energética. O sol é uma fonte de energia limpa e renovável que tende a substituir a energia gerada com recurso a extração de recursos não renováveis e geradores de emissões de gases de efeito de estufa. Em tese, aquela fonte permite que cada pessoa autogere o seu próprio consumo. Contudo, este hipotético cenário ainda está refém da eficiência da conversão conseguida pelos diferentes fabricantes de painéis fotovoltaicos. Por outro lado, é necessário proteger a identidade do território, valorizando as relações do indivíduo com o meio envolvente físico – paisagem natural – o que levou a que esta seja objeto de um tratados internacionais que a protegem. Esta proteção tem por finalidade estratégica conservar a biodiversidade, evitando o uso ou depósito de materiais não biodegradáveis.

Com a disponibilização deste livro e seus artigos, esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual, mais curiosidade científica e proatividade na procura de satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

SOCIEDADE – CIDADÃO - AMBIENTE

SOCIEDADE, CULTURA E TURISMO

CAPÍTULO 1.....1

THE ECONOMIC CRISIS OF 2008 AND ITS SOCIAL IMPACT IN EUROPE

Célia Maria Taborda da Silva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225901

CAPÍTULO 2..... 15

EL PROYECTO ARQUITECTÓNICO COMO GENERADOR DE UN SISTEMA POLÍTICO (PÚBLICO) DE RELACIONES E INTER-ACCIONES SOCIALES

Carlos Eduardo Burgos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225902

CAPÍTULO 3.....27

PROCESSO DAS INUNDAÇÕES URBANAS NO BAIRRO DO CHAMANCULO “C”, MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Rosalina Inácio Fumo Langa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225903

CAPÍTULO 4..... 36

O PROCESSO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO EM MUNICÍPIOS DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL EM PORTUGAL

Celestino Almeida

Deolinda Alberto

Luís Quinta-Nova

Domingos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225904

CAPÍTULO 5.....47

OS PROJETOS CULTURAIS COMO INSTRUMENTO DE URBANICIDADE: O CASO “FALA VILA”

Lucas Silva Pamio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225905

CAPÍTULO 6..... 61

SOCIEDADE CIVIL, REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS: POLÍTICAS PÚBLICAS E AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Marcelino de Souza Lima
Timothy Leonard Koehnen

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225906

CAPÍTULO 7..... 80

RESORTS BRASILEIROS: CENÁRIO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2017 E 2018, SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO

Antonio Carlos Bonfato
Gabriel Furlan Coletti
Victor Ragazzi Issac

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225907

CAPÍTULO 8.....102

EVENTUALES EFECTOS DEL DESARROLLO TURÍSTICO EN COMUNIDADES: EL CASO DE DOS MANGAS EN LA PROVINCIA DE SANTA ELENA

Jhony Yumisaca Tuquina
Silvia Zulema Plaza Hidalgo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225908

CIDADANIA, SAÚDE E BEM-ESTAR

CAPÍTULO 9..... 119

YA SE VEÍA VENIR, PERO AUN ASÍ LE HICIERON CASO A ESTE VIEJO CONOCIDO: CONSIDERACIONES TRANSTEXTUALES DEL CORONAVIRUS COMO PROCESO DE SOLEDAD, TRANSFORMACIÓN Y VUELTA AL SENTIR DE LA EXISTENCIA

Bairon Jaramillo Valencia
Samantha Castaño Sepúlveda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225909

CAPÍTULO 10..... 131

MARILYN MONROE – A TRAGÉDIA POR TRÁS DO ESTRELATO

Salomé Mouta
Isabel Fonseca Vaz
Sara Freitas Ramos

Bianca Jesus
João Martins Correia
Diana Cruz e Sousa
Sílvia Fontes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259010

CAPÍTULO 11..... 141

O TUDOR QUE FICOU POR NASCER! – MARIA TUDOR E AS SUAS GESTAÇÕES FANTASMA

Isabel Fonseca Vaz
Diana Cruz e Sousa
Sara Freitas Ramos
Bianca Jesus
João Martins Correia
Salomé Mouta
Sílvia Castro
Ana Marinho Soares

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259011

CAPÍTULO 12..... 150

POR QUE MENTIMOS? - A MENTIRA NA PSICOPATOLOGIA

Rafaela Nunes Farinha
Melissa Alfafar Marques
Filipa Tavares Pontes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259012

CAPÍTULO 13..... 157

IMPORTANCIA DE LA VALORACIÓN HOLÍSTICA DE LAS ARTICULACIONES TEMPOROMANDIBULARES EN PACIENTES CON ARTRITIS REUMATOIDE

Karen Vanesa Rhys
Carla Andrea Gobbi
Beatriz Busamia
María Elena Castrillón
Carolina Paulazo
Matías Moron
Eduardo Albiero
Paula Alba

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259013

CAPÍTULO 14.....167

ESTUDIO CUALITATIVO DE LAS ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO: HACIA UN MODELO DE AFRONTAMIENTO CREATIVO, REACTIVO Y PROTECTIVO

Lautaro Cirami

Liliana Edith Ferrari

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259014

RECURSOS ENERGÉTICOS E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

CAPÍTULO 15.....179

INVESTIGACIÓN Y APLICACIÓN DE ENERGÍAS LIMPIAS A TRAVÉS DE ENERGÍA SOLAR EN LA CIUDAD DE NEIVA

Ana Lucia Paque Salazar

Arnold Ferney Torres Ome

Camilo Rojas Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259015

CAPÍTULO 16.....187

COSTOS DE ABATIMIENTO DEL CAMBIO CLIMÁTICO Y EXTRACCIÓN DE RECURSOS NO RENOVABLES EN EL PERÚ

Edelina Coayla

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259016

CAPÍTULO 17.....198

LA APLICACIÓN DEL CONVENIO EUROPEO DEL PAISAJE A LA PLANIFICACIÓN DE LOS ESPACIOS NATURALES PROTEGIDOS ANDALUCES

José David Albarrán Periañez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259017

CAPÍTULO 18.....208

PAISAJE RIBEREÑO, APROPIACIÓN E IDENTIDAD

Cecilia Craig

Nora Pastor

Sandra Ursino

Dante Barbero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259018

CAPÍTULO 19218

UNA HERRAMIENTA PRÁCTICA PARA LA EVALUACIÓN DE LA HUELLA HÍDRICA EN GRANJAS DE PRODUCCIÓN DE LECHE DE LA REGIÓN PAMPEANA ARGENTINA

Gustavo Daniel Gimenez

Pablo Roberto Marini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259019

CAPÍTULO 20230

FLORA PRELIMINAR DA FLORESTA CILIAR DO RIO MOGI GUAÇU NA GUARNIÇÃO DA AERONÁUTICA DE PIRASSUNUNGA (SÃO PAULO, BRASIL)

Renata Sebastiani

Ana Lúcia Batista Botelho Laschi

Emmanuélly Maria de Souza Fernandes

Israel Henrique Buttner Queiroz

João Victor Urbano

José Victor da Silva

Luis Felipe Mendes

Pedro Henrique Godoy Fernandes

Ricardo Vinícius Zandonadi

Silvana Barros Silva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259020

CAPÍTULO 21242

USO Y ABUSO DEL PLASTICO Y UNICEL EN ODONTOLOGÍA LA UAO/UAZ

Jesús Rivas Gutiérrez

José Ricardo Gómez Bañuelos

Nubia Maricela Chávez Lamas

María del Carmen Gracia Cortes

Guadalupe Rodríguez Elizondo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259021

SOBRE OS ORGANIZADORES258

ÍNDICE REMISSIVO259

CAPÍTULO 5

OS PROJETOS CULTURAIS COMO INSTRUMENTO DE URBANICIDADE: O CASO “FALA VILA”

Data de submissão: 20/03/2022

Data de aceite: 06/04/2022

Lucas Silva Pamio

Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho
Planejamento Urbano e
Políticas Públicas
Bauru/São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>

RESUMO: Apesar de um direito básico, a cultura muitas vezes faz-se inexistente e pouco utilizada em espaços urbanos favelizados das cidades. Quando esta é produzida, ou desenvolvida pelos indivíduos locais, muitas vezes é vista com maus olhos. O que não se tem conhecimento é que a cultura além de conferir pertencimento a estes espaços de contraste com o restante da cidade, asseguram localmente maior qualidade de vida, além de prezar pelo direito à cidade, tornando-se projetos de sucesso, como foi o Fala Vila. A cultura é um bem intangível e um modelo de expressão, comunicação e atuação. Revela artistas,

pensadores, pesquisadores, atores políticos e profissionais especializados em compreender processos de construção urbano-social com maestria, em partes, em decorrência por possuírem esta abertura e visão macro e micro de território, sociedade e direitos.

PALAVRAS CHAVE: Cultura. Projetos Culturais. Pertencimento. Urbanicidade. Favela.

CULTURAL PROJECTS AS AN INSTRUMENT OF URBANITY: THE CASE OF “FALA VILA”

ABSTRACT: Despite being a basic right, culture is often non-existent and little used in slumized urban spaces in the cities. When it is produced, or developed by local individuals, it is often frowned upon. What is not known is that culture, besides conferring belonging to these spaces that contrast with the rest of the city, ensures a better quality of life locally, besides praising the right to the city, becoming successful projects, such as Fala Vila. Culture is an intangible good and a model of expression, communication and performance. It reveals artists, thinkers, researchers, political actors and professionals specialized in understanding processes of urban-social construction with mastery, in parts, as a result of their having this openness and macro and micro vision of territory, society, and rights.

KEYWORDS: Culture. Cultural Projects. Belonging. Urbanity. Slum.

1 INTRODUÇÃO

Grande parte das cidades paulistas compartilham a mesma gênese no que diz respeito ao processo de desenvolvimento urbano; visivelmente pautado por profundos processos de desigualdade, observados em diferentes escalas e polos, estando presente no que diz respeito à economia, política, acessos, qualidade urbana, o social e o cultural. Felizmente existem alguns métodos para reestabelecer as conexões entre os conjuntos urbanos que compõem a cidade, conferindo a estes não somente sentimento de pertencimento local, como também externo a comunidade. Além de contribuir com a melhora na qualidade de vida e de novas oportunidades, esses métodos muitas vezes afastam o indivíduo das más escolhas, preservando sua integridade e identidade numa lógica que descreve o pertencimento como forma de enfrentamento as más escolhas e as diferenças sociais na cidade.

É necessário compreender a cidade como espaço de morada do indivíduo que a ocupa, fortalecendo a luta pelo direito à cidade tão negada a uma grande parcela da população, tal qual aponta Harvey (2010, p. 1), “o direito à cidade não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente”.

O trabalho proposto pretende discutir o uso da cultura como método para o desenvolvimento de pertencimento e identidade, além de contribuir com a qualidade de vida comunitária, fortalecendo o convívio e colaborando com a reestruturação urbana, uma vez que mais que um bem de uso e acesso, a cultura é um direito universal. A existência de leis, regimentos e da garantia dos direitos básicos (sendo a cultura um destes) são imprescindíveis para garantir a liberdade de expressão, o sentimento de pertencimento e o instrumento de voz ativa; todavia, devido às falhas na aplicação e na criação de projetos que criem intervenções artísticas, cria-se uma lacuna que impede a conexão. (Davies, 2008).

No início dos anos 2000 houve um aumento significativo no número de ONGs e projetos culturais criados a partir do princípio da “cidadania cultural”, por parte dos órgãos gestores e suas respectivas secretarias resultando no surgimento de movimentos culturais de grande importância para o cenário local das regiões periféricas das cidades, conforme aponta como aponta Aderaldo (2013).

Em cidades maiores os coletivos e ONGs locais surgem nas comunidades como pontos de apoio a expressão e o manifestar cultural. Contudo, em cidades menores, mesmo havendo organização e interação entre moradores, a necessidade em haver orientação por meio das Secretarias de Cultura e os Centros de Referência de Assistência Social – CRAS contribuem para com a realização de projetos culturais que conecte a população menos beneficiada por esse direito.

O CRAS possui papel fundamental na estruturação e na conexão entre as comunidades e bairros atendidos por ele com o restante da cidade. De acordo com a própria definição constante na cartilha de Orientações Técnicas a respeito do Centro de Referência (2009, p. 9) trata-se de “uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social”. Logo, dá-se sua importância. Possuindo grande capilaridade territorial no que diz respeito a atender a demanda diversificada, o CRAS reforça seu compromisso de engajamento plural a serviço da população.

Considerado um processo ainda recente, o inchaço populacional combinado com a dificuldade econômica acaba repelindo indivíduos citadinos para as bordas das cidades, com isso, a segregação sócio espacial junto com os problemas advindos da integração sociocultural – que é mais visível em formações urbanas maiores – acaba ocorrendo também em cidades menores. São muitos os apontamentos para que ocorram tanto a segregação, quanto o barramento cultural, a má estruturação do tecido, devido a falhas no planejamento urbano, assim como a disputa pelo uso do solo, sendo este um produto especulativo, são fortes indícios que comprovam como as cidades menores sofrem com o espraiamento, não sendo difícil encontrar cidades pequenas com formações de favelas, principalmente nas bordas.

No que tange a cultura, hoje, já não mais há a obrigatória dependência da cidade-metrópole para nutrir à periferia, de fato, essas regiões ainda que sejam evidentes os traços de precariedade no que diz respeito à falta de planejamento, arquitetura rudimentar e deficiência de acessos e infraestruturas, houve avanços no que diz respeito ao conhecimento, aplicação e notório empenho de órgãos municipais atuantes nesses espaços, como o próprio CRAS, juntamente com o papel militante dos indivíduos sociais que compõe os subúrbios periféricos ou não.

Em busca da identidade cultural local, Aderaldo (2013) avalia que isso contribui para o desenvolvimento de complexos processos de interlocução, responsáveis pela elaboração de formas renovadas de debate e participação política. Faz-se jus compreender que na estrutura que os compõem desenvolvem-se produtos culturais consumidos por toda a sociedade, compreendendo-se quão importantes é a realização de projetos e iniciativas culturais para seu fortalecimento, engajamento e pertencimento.

2 PRODUTO CULTURAL SUBURBANO

A compreensão acerca do que o subúrbio produz muitas vezes é indevidamente negligenciado. É comum e corriqueiro devido a uma série de questões que tangem a

economia, o cenário político e o mau planejamento das cidades, negligenciar os produtos culturais advindos das comunidades suburbanas que muitas vezes, indevidamente, são referidas com depreciação. Todavia, apesar das áreas favelizadas possuírem de fato um histórico de resistência que caminha junto ao burburinho midiático quanto às manchetes, oculta-se que se tratam de espaço de moradia, de lazer, de educação e, portanto, a ela cabe o respeito. Soma-se a esta análise o fato de que é na favela que muito do que a sociedade contemporânea consome iniciou-se ou se desenvolve.

A heterogeneidade presente nas periferias das cidades é vasta. Na cidade de São Paulo, palco de grandes eventos e manifestações político e culturais, um evento na comunidade Jardim Guarujá, zona sul da cidade chama a atenção pela organização, pelos temas sempre bem pautados e pelo público misto de indivíduos de diferentes bairros. O Sarau Cooperifa, criado e organizado pelo poeta Sérgio Vaz já realizou mais de 800 edições, sempre prezando pelo compromisso com a leitura e democracia de pensamentos, “cada um fala o que quer, seja de sua autoria ou de alguém consagrado ou não”. (Vaz, 2008, p.127).

No campo musical e dentro desse contexto um marco referencial para o entendimento e reconhecimento atribuído a cultura das periferias foi à década de 90, com a formação do grupo de rappers Racionais, formado por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e o dj KL Jay, os Racionais assumiram a brilhante tarefa (do ponto de vista atual), porém dura e militante para a época de produzir letras que narrassem à luta diária do povo periférico, obtiveram não somente sucesso, como também por meio das rimas carregadas de sentimentos e experiências deram voz aos indivíduos sociais residentes das franjas e favelas centrais das cidades, sendo considerados até hoje inspiração para grupos socioculturais de resistência, conforme apura Frederico (2013).

Tal qual o rap, o funk assumiu um importante papel cultural, tornando-se parte da herança das favelas e sendo consumido não somente pela população marginalizada, quanto pela sociedade como um todo. Além de multicultural, o funk é uma celebração compreendida por todos, conforme alega o dj Marlboro – precursor do Funk Brasileiro; para Matta (2009), quando o cara ouve funk ele se identifica porque tem um pouco da cultura dele ali, mesmo que fracionada, e ele se identifica. Em São Paulo, o funk aposta em letras com certo apelo sexual e alusão à riqueza material, o popularmente conhecido funk ostentação.

Também conjunto a oralidade, porém com origem e finalidade mais poética têm-se o *Slam* que consiste num desafio de poesia falada, com intuito de partilhar valores e militâncias, também é uma forma de reconhecimento de si e do espaço a que se pertence. Originário de Chicago, na década de 80, mantém sua raiz no hip hop. Os encontros,

geralmente ocorrem em locais públicos, mantendo ativo o princípio de usabilidade daquilo de que pertence a todos, de acordo com Neves (2017), o slam é um grito. Apesar de recente no Brasil, os slammers, como são chamados os poetas do slam se multiplicam, trazendo para os miolos urbanos a poesia carregada de fundamentos históricos e vivências periféricas. “É preciso resistir para existir. Poesia é reexistência” (Neves, 2017).

Outro produto advindo da cultura periférica e também originado em território americano e já incorporado à cultura e herança brasileira, são as batalhas de MC's. Uma vertente do movimento hip hop que surgiu nos anos de 1970 no subúrbio nova-iorquino, as batalhas figuram como duelos de rimas e ritmos geralmente entre dois mestres de cerimônias (MC). As batalhas, que geralmente ocorrem em espaços públicos, assim como os slams, reivindicam o direito ao uso da cidade, revelando-se como atos político-artísticos no contexto urbano, principalmente para os MC's em busca de se profissionalizar. “No caso do Brasil, as Batalhas funcionam como lugar de visibilidade para os MC's que não estão inseridos na mídia tradicional e na grande indústria cultural” (Ferreira, 2019 p. 852).

O grafite – manifestação artística emergida dos movimentos populares americanos da década de 70 iniciou-se como uma forma de declamar situações cotidianas e mensagens por meio dos traços, das formas e cores em muros e calçamentos. Protagonizados por negros e imigrantes latinos, como apura Tartaglia (2013, como em Oliveira, 2006), assumiu-se como um importante produto cultural, reconfigurando a estética paisagística. No Brasil, o grafite aparece primeiramente na capital paulista juntamente com a cultura do hip hop. Em seu sentido literal, grafite tem sua origem no latim e significa “escrita feita com carvão”.

É provável que a temática por trás da autonomia conceitual da arte pela arte não seja aplicada no que diz respeito aos subúrbios e áreas favelizadas, devido o cerne que a mantem - quando existente - a possibilitada em exercitá-la e inseri-la no contexto desses espaços urbanos de confronto que muitas vezes possuem um longo histórico de debilitações, logo, adota-se outra temática, ora expressada de arte pelo protesto, ora de arte pela resignificação social. Baseado nessa relação desenvolvida, a arte feita pela comunidade, com ela e para ela, transforma-se num instrumento de comunicação, visibilidade e manifestação.

3 A CULTURA E A SOCIEDADE SUBURBANA

É de entendimento e saber de que tanto legislativa quanto socialmente, a cultura é um bem inegável e de direito de acesso, uso e replicação de todos, todavia a relação entre a cultura e a cidade suburbana apresenta barreiras que dificultam, quando não

impedem seu acesso. É válido destacar que em relação ao que tange este estudo, a cultura concerne ao conjunto de práticas e preceitos ora religiosos ora patrimoniais tangíveis as artes, educação e musicalidade. Para esta relação, há uma definição que sintetiza de forma clara os valores acerca da cultura que diz que “cultura é a capacidade de decifrar as formas da produção social da memória e do esquecimento, das experiências, das ideias dos valores, da produção das obras de pensamento e das obras de arte”. (Chauí, 2006, p. 8).

Compreende-se como cultura suburbana aquela originada nesse tipo de formação urbana, ou aquela trazida e fora e adaptada à realidade local, ou utilizando desse arcabouço territorial como plano de fundo. Para tal, é necessário haver a compreensão do que se trata essa formação urbana presente em tantas cidades, porém confundida frequentemente com outro tipo de formação urbana: a periferia. Do ponto de vista geográfico, ambos se encontram nas franjas urbanas, todavia, diferem-se no que diz respeito ao modo como se deu a formação espacial. Para Martins (2001), no subúrbio os lotes são maiores, há uma proporção de espaço utilizável nas habitações maior que no conjunto caracterizado como periferia. Socialmente, tanto o subúrbio quanto a periferia possuem os mesmos traços segregacionistas e distantes do restante da cidade quanto à caracterização territorial.

A cultura possui discussão ampla e dinâmica de modo a compor os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS sugeridos pela Organização das Nações Unidas – ONU como um conjunto de diretrizes, compondo a Agenda 2030, seguida por diversos países com o intuito de torna-los sustentáveis ambiental, social, econômica, política e culturalmente. É nesse conjunto assertivo que se fundamenta o desenvolvimento e valorização cultural local, não diretamente, porém ao encontro do ODS de número 11, com o compromisso de assegurar o fortalecimento das cidades e seus conjuntos urbanos tornando-os mais inclusivos.

Para Nascimento e Bonini (2017) a cultura é imprescindível na formação educadora e questionadora do jovem periférico, ele atende na antecedência do possível ocorrido, como também na posterioridade, ou seja, a cultura evita o aumento da criminalidade podendo prevenir o crime, o que conseqüentemente desafoga a segurança pública que passa a ser mais eficiente, e caso haja o crime, a cultura serve de instrumento de ressocialização, contribuindo com a reintegração social do indivíduo.

Combater a violência e a criminalidade utilizando-se de projetos culturais não é somente possível como também é viável. A cultura – compreendendo-se como o conjunto de conhecimentos, crenças, artes, patrimônios, música etc., é um direito constitucional conforme Art. 215 (1988) do terceiro capítulo que institui a respeito da educação, da

cultura e do desporto, bem como se trata também de um direito humano universal de controle e cumprimento desse acesso conforme expõe a Declaração e Programa de Ação de Viena (ONU, 1993) que diz que “é dever dos Estados promover e proteger todos os direitos humanos e liberdades fundamentais sejam quais forem seus sistemas políticos, econômicos e culturais”.

Talvez hoje ainda mais que nos anos anteriores, habitar as favelas – centrais ou nas franjas das cidades é visto como motivo de descaso e humilhação por parte da população daquele centro urbano e de constrangimento para o favelado, constrangimento este causado devido às injustiças sociais, conforme aponta Almeida (2019 como em Candido, 2004). Nesse contexto, o direito a cultura, seja ela qual for (musical, teatral, dança, fotografia, literatura, cinema, etc.) ocupa um papel dinamizador e preciso, pois, ela não somente contribui com a homogeneização social, como também resguarda o jovem marginalizado, uma vez que este passa a ter maior contato com caminhos diferentes e de desperte criativo, além de oferecer a favela atrativos do entretenimento e do conhecimento.

É preciso compreender que o direito ao acesso à cultura está diretamente ligado à convivência enquanto sociedade em usufruto da vida cultural, que pode ser os valores implícitos nas tradições, simbolismos, pertencimentos, e tange diferentes pontos artísticos e educacionais, como as artes visuais, midiáticas, musicais, de expressão e movimentos de corporeidade, etc. Para Cunha Filho (2018) o conjunto de direitos culturais é uma conquista social advinda de lutas coletivas que ainda perpetuam os dias atuais, fazem parte da participação popular, ou seja, mais que apenas um bem de uso e acesso, é um direito humano.

Todavia, apesar de regimentado constitucionalmente, tal qual a deficiência e interesse público para que a legislação seja cumprida quanto à infraestrutura e estruturação das franjas urbanas e favelas centrais, a criação de leis e programas de incentivo cultural também partem de luta social para sua criação, reivindicação e regimento, foi através dessa tríade que nasceu a Lei de Fomento à Cultura da Periferia - Lei nº 16.496 de 20 de Julho de 2016 que instituiu o Programa de Fomento e Incentivo à Cultura da Periferia na cidade de São Paulo. O programa que foi uma conquista popular iniciado a partir do debate entre ONGs e coletivos culturais da periferia paulistana tornou-se um avanço que impulsionou a adoção da cultura como uma forma de comunicação e resgate interno de produção artístico, educacional, político e social nas comunidades.

Em Bauru, cidade do interior paulista muitos são os projetos que integrando coletivos e ONGs periféricas juntamente com ações do poder público municipal se compromissam a garantir entretenimento, dialogo e ações envolvendo a cultura suburbana que acaba sendo consumida por toda a cidade e redondeza. Exemplos desses grupos

sociais que possuem grande interpolação na celebração periférica na cidade são a ONG Periferia Legal e a ONG A casa do Hip Hop que recebe auxílio esporádico para a realização de eventos. A Casa do Hip Hop, promove por meio de suas diversas atividades um sadio intercambio entre o centro-periferia. Mais que apenas difundir a cultura, as oficinas e cursos promovidos pela Casa do Hip Hop possuem o objetivo em trabalhar questões adversas ligadas a dificuldades enfrentadas pelos jovens e indivíduos que habitam as diversas comunidades e bairros da cidade.

Na cidade de Presidente Prudente no oeste paulista, em que num trabalho conjunto entre governo municipal, à atuação da coordenaria da juventude, a parceria da equipe Batalha do Vale e apoio do coletivo cultural Galpão da Lua, promove-se esporadicamente o Circuito Batalha do Vale que tem a missão em difundir a cultura do rap e do hip hop na cidade. Assim como em Bauru, o evento ocorre na zona central da cidade, o evento que aborda temáticas advindas de injustiça sociais abraça causas diversas e o compõem pessoas advindas de diversas áreas da cidade incluindo as periféricas, atuante no compromisso de resgatar a cultura do hip hop por meio de ações e projetos culturais mesmo durante a pandemia do novo Corona vírus por meio de transmissões virtuais.

Ramos e Lemgruber (2004) vão dizer que os projetos culturais possibilitados por meio de ONGs e programas de iniciativas locais e suas respectivas comunidades são um importante processo de mobilização comunitária; apesar de não resolverem os problemas muitas vezes mitigados pelo próprio poder público, tais programas culturais, mesmo pontuais, tendem a amenizá-los por tratarem de fala e inclusão abordadas na dicotomia centro-periferia.

4 FALA VILA

Apostando na elevação da cultura não somente como prática, como também conexão para a formação de novos diálogos é que a Secretaria Municipal de Cultura, a Associação de Moradores da Vila Divinéia, juntamente com o CRAS II São José - o CRAS Betinha (homenagem in memoriam a Elisabete Soares de Carvalho, ex. Diretora do CRAS II), e sua equipe, coordenado pela Psicóloga Antiella Carrijo Ramos, desenvolveram o projeto Fala Vila na Vila Divinéia em Santa Cruz do Rio Pardo, cidade estimada em pouco mais de 47 mil habitantes (IBGE, 2019) no interior do Estado de São Paulo, tendo sido iniciado no ano de 2016 o projeto excedeu sua criação e tornou um referencial de sucesso para os dias atuais.

O Fala Vila consiste num projeto sociocultural com a intenção de dar voz e visibilidade, tanto a nível de bairro, quanto em relação a cidade, manifestando a ideia de

que na vila - que está localizada na periferia de Santa Cruz do Rio Pardo também há atrativos, beleza e pessoas reivindicando seu lugar de uso e de voz no espaço urbano. O projeto alcançou não somente a participação de toda a comunidade, como além de ser replicado para outro bairro da cidade – Vila Bom Jardim, conectou-o e destacou sua importância social. Para o pesquisador e professor de Direitos Culturais Francisco Humberto Cunha Filho, os direitos culturais originários da luta e participação do povo é uma conquista da sociedade. Baseado neste argumento, para Cunha Filho (2018) a construção da cidadania e preservação da cultura é um direito social e deve ser zelado.

Anterior ao projeto, a comunidade carregava um estigma de desdouro, não que a população local se sentisse desonrada com o local ao qual habitava, porém em partes devido ao processo de formação do bairro, havia o receio na exposição pública de correspondência. A formação do bairro se deu devido a muita luta popular. Parte do terreno para a formação do bairro configurou-se por meio da doação municipal (prefeitura local) e outra parte foi doada por um antigo morador local (proprietário da área), isso no início dos anos de 1970.

Naquela época não havia infraestrutura urbana, não havia coleta de esgoto, água encanada ou rede elétrica e os poucos barracos existentes foram erguidos com barro, madeira e bambu como elementos construtivos, conforme aponta o vice-presidente da associação de moradores da vila, Jarbas Monteiro: “As casas eram feitas de barro com bambu, cobertas com folhas de coco. Eram poucas as construções de madeira”. (Monteiro, n.p., 2016).

A Vila - hoje bairro periférico - foi à primeira favela da cidade e mesmo passados pouco mais de 50 anos, preserva características desse período de favelização, todavia, hoje é vista com altivez pelos moradores impactados pelo projeto Fala Vila, conforme aponta a moradora e integrante de algumas ações do projeto Kauane Cristina Marques em matéria ao Jornal Debate de Santa Cruz do Rio Pardo: “Na verdade, eu tinha um preconceito muito forte em relação ao meu bairro. Isto se acentuou quando eu comecei a frequentar escolas distantes da comunidade. Costumava esconder minhas origens, mas o projeto me fez entender diferente. Hoje, tenho orgulho de dizer que moro na Divinéia”. (Marques, np, 2018). Logo a contribuição da cultura como forma de quebrar paradigmas.

Para Davies (2008), a cultura é sim um instrumento que contribui com a construção do indivíduo, ofertando a este, oportunidades de vivência e novas experiências, uma vez que o jovem periférico, levando em consideração seu meio e as facilidades na obtenção de quantias no mundo do crime acaba sendo comumente tragado pela violência e suas consequências, “não se trata mais do que podemos fazer pela Cultura, mas do que a Cultura faz por nós”. (Davies, n.p., 2008).

O projeto Fala Vila consistiu numa série de atividades produzidas por e para seus moradores, destacando pontos de interesse local, bem como homenageando personalidades locais, como o João Batista Pedro, mais conhecido como João Nervoso, ilustre morador da vila e já falecido, grande articulador local, promovia diversão para as crianças e jovens da vila, conforme é lembrado com carinho por Tereza Cipriano: “Ele era uma pessoa brincalhona, Na época de carnaval, e das festas juninas ele divertia todo mundo. Dançava quadrilha, se vestia de palhaço”. (Cipriano, n.p., 2016).

Um dos produtos gerados a partir do Fala Vila e que resultou na visibilidade da comunidade para a cidade foi o documentário Fala Vila Divinéia, nele a história da formação do bairro é contada a partir dos fatos memorizados de seus moradores que narram não somente a evolução urbanística pela qual a vila transformou-se, como também o processo de pertencimento ao quais os moradores passaram a sentir, uma vez que o projeto deu não somente força, como estruturou a identidade local, Carrijo (2018) diz que para a emancipação de uma comunidade, não existe outro caminho se não o caminho da educação, tendo a arte e a cultura como instrumentos fundamentais de trabalho. “Se nós queremos mudar o mundo, que seja o nosso mundo de Santa Cruz do Rio Pardo”. (Carrijo, n.p., 2018).

Outro projeto realizado a partir do Fala Vila foi desenvolvido em conjunto de três profissionais: as psicólogas Antiella Carrijo Ramos e Lívia Maria Rossetto Ortega, e a fotógrafa santa-cruzense Fernanda Botelho. Referenciando o trabalho do premiado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, o projeto “Salgadinhos” – em alusão ao premiado fotógrafo, as crianças e jovens executores do projeto receberam (por meio de empréstimo) câmeras digitais junto à missão de fotografarem seu cotidiano e espaços de uso comum, tais como os arruamentos, calçamentos e avistamentos da paisagem local.

O produto final gerado a partir do projeto foi uma exposição que não somente acabou sendo expandida e relocada em outros pontos da cidade, como também ganhou destaque na mídia local e estadual.

A oficina de fotografia que originou o projeto “Salgadinhos” teve a habilidade em mostrar a beleza interna do local, revelando o cotidiano numa ótica de quem vivencia a Vila Divinéia. Para Carrijo (2016), o trabalho desenvolvido pelo CRAS a partir da vulnerabilidade da situação de risco é de trazer cultura e de revelar a cultura, o que colaborou com a mudança do paradigma de nosso próprio olhar. Para ela, “as fotos foram essenciais porque as crianças puderam se perceber ali, a gente pode captar o olhar delas a partir dos lugares em que elas brincam e dos lugares e pessoas que elas gostam” (Carrijo, n.p., 2016).

Ao longo da oficina os jovens fotógrafos tiveram contato com as características dos equipamentos, bem como referências da oitava arte, além de mostrar a temporalidade que a fotografia transmite, registrando o progresso e as mudanças na paisagem de um

determinado local. Porém havia um propósito de não fornecer tantos dados e orientações para o projeto Salgadinhos, a fim de preservar a noção espacial e artística dos jovens fotógrafos, conforme salienta Livia Ortega: “A gente optou por não ter nenhuma orientação técnica porque a gente queria mesmo saber o real olhar da criança frente à vila e o resultado surpreendeu todo mundo”. (Ortega, n.p., 2016).

Também compôs o Fala Vila, o grafite, fazendo-se presente como representação artístico-cultural conferindo maior identidade e embelezamento do bairro. Também por meio de oficina, hoje é possível identificar trabalhos realizados pelas crianças e adolescentes por toda a comunidade. O grafite contribuiu para acertar referências locais a comunidade. Para a oficina, a contribuição dos grafiteiros e Alexandre Beraldo Paiva e Gabriel Beraldo foram cogentes, contribuindo com os valores e ensinamentos acerca da técnica. A oficina foi responsável por pelo menos 04 murais personificando personalidades do bairro e referências tidas como inspiração como o mural localizado na fachada externa ao barracão da Associação de Moradores da Vila (local de encontro e partilha entre moradores) homenageando o “João Nervoso”, ex-morador da Divineia, já falecido e lembrado por todos.

Na articulação do projeto como um transporte entre o ensinar e o empreender, a partir do Fala Vila foi possível comercializar peças de roupas produzidas em oficina de costura e patchwork realizadas no CRAS Betinha. A coleção “Fala Vila” foi desenvolvida por costureiras do Ateliê Alinhavando Sonhos que pensaram as roupas que foram posteriormente fotografadas em desfile realizado no Palácio da Cultura – edifício multifuncional de Santa Cruz do Rio Pardo. As peças após serem amostradas ao público foram disponibilizadas por meio de um canal de vendas na página do Facebook do Ateliê. A proposta elucida a importância em se trabalhar o processo criativo que pode além de contribuir com a ocupabilidade, por meio dela obter-se renda.

O conjunto de ações que promoveram e tornaram o Fala Vila um projeto de sucesso, possibilitando o estímulo do protagonismo e o empoderamento da comunidade, permitiu a Vila Divineia ser portadora de sua própria forma de comunicação, dialogando urbanisticamente e estimulando a formação do pensamento crítico e difusão de valores que integraram e beneficiaram a toda a comunidade sem que esta mantivesse dependências com o centro. O que reforça o comprometimento da comunidade como articuladora, que por meio da cultura no caso Fala Vila reforça a força da cultura suburbana por meio do empenho público-local. Nas palavras de Vianna (2006), a periferia não precisa mais do centro para se comunicar.

Se por um lado o estigma, em partes, indevidamente contribuído pela grande mídia no que diz respeito ao noticiar sobre o tráfico, invasão e apropriação de terreno, infrações

comuns nesses conjuntos urbanos – devido a muitas questões relacionadas à política, geografia e território – por outro, ainda que verídicos, eles denigrem e encobrem os valores e laços comunitários tidos como harmoniosos na concepção estrutural de cidade.

Atualmente, porventura, habitar os subúrbios periféricos ainda é visto com descaso e descontentamento pela população centro-condômino, conforme aponta Almeida (2019). Porém, com a inserção de programas socioculturais, a exemplo o Fala Vila, a mentalidade urbana gradativamente evolui ao compreender que a favela e a cultura suburbana são tão ricas e importantes como qualquer outra e que articula como um importante método pela promoção da qualidade de vida e diminuição no índice de violência interna e externa a comunidade.

De acordo com relatos transmitidos por Carrijo (2016), o Fala Vila não apenas desenvolveu o conceito de cidadania na Vila Divinéia, como despertou os olhares a comunidade passando essa a ser aceita como parte da cidade, se antes o pensamento coletivo social local corroborava com a ideia infundada de que favela é um local perigoso onde residem pessoas de má índole, o Fala Vila permitiu que por meio dos diversos produtos desenvolvidos a partir do projeto que a cidade percebesse que a comunidade é formada por trabalhadores, por artistas criativos, indivíduos pensantes e questionadores acerca da política pública, que também lutam por dignidade, equidade e seu direito à cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos núcleos urbanos, apesar de desnutridos de infraestruturas e acessos, tão comuns nas regiões centrais que acabam passando despercebidos, são espaços ricos em cultura, sendo necessário enfatizar, valorizar e vivenciar os produtos culturais advindos do subúrbio. A cultura suburbana que é lazer e vivência do dia a dia também é símbolo de resistência, caracterizando um modo de pertencimento ao seu próprio espaço, reforçando o compromisso de resposta ao direito à cidade, além de ressaltar que a cultura deve ser vista como tal: substantivo e não adjetivo.

Se por um lado a periferia se dedica na realização de projetos culturais almejando a participação e a integração local, podendo ser consumido ou não pelo restante da cidade, do outro, a cidade parece ainda negar a periferia o ingresso ou o direito ao uso e consumo de outros tipos de cultura. Faz parte das políticas públicas e do incentivo a cultura a busca pelo alcance constitucional, permitindo e ampliando cada vez mais para que a cultura seja de fato um bem comum, e não um privilégio de poucos.

Apesar de todas as análises terem sido observadas em escala local, apontando como resultados das ações propostas pelo projeto cultural Fala Vila, comprova-se a

eficiência tanto do trabalho desempenhado por meio da ação conjunta entre Centro de Referência da Assistência Social São José – CRAS II (Betinha) junto com a Secretaria Municipal de Cultura e do empenho de todos os profissionais atuantes e engajados na produção artística cultural como ferramenta de diálogo e de identidade, podendo ser replicado para outros agrupamentos urbanos. Para Botelho (2016) o Fala Vila foi uma escola, e por meio dele constatou-se que é possível trabalhar a cultura destacando os valores e tesouros locais, e que as ações geradas a partir do projeto que impactou auspiciosamente o bairro, podem ser replicadas e desenvolvidas em outras comunidades.

A construção da cultura diz respeito aos instrumentos urbanísticos que não só garantem o direito à cidade, como também colaboram para com a construção participativa da vida em sociedade. A articulação entre o poder público - integrando a Secretaria Municipal de Cultura, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social juntamente com o CRAS e seus funcionários bem como a participação ativa dos moradores atendidos por esses órgãos edificaram não somente o sucesso da realização do projeto, como também colaboraram com a comprovação de que com a educação, a cultura, a arte e o respeito constrói-se uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

Aderaldo, G. A. (2013). Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. p. 382. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Brasil. Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília, 2009. 72 p.

_____. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2cff6l9>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

Caires, M. (2015). Semana do Hip Hop de Bauru chega ao quinto ano com 10 dias de integração dos 5 elementos e muita pedrada nos palcos. De 23 de julho de 2020.

Chauí, M. (2006). Cidadania Cultural. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Carrizo, A., Ortega, L. M. R. Botelho, F. (2016). A exposição fotográfica “Salgadinhos – O belo do cotidiano”. [Entrevista concedida a Diego Singolani]. Rádio 104 FM + Alternativa, 104 FM Empresa de mídia/notícias. Santa Cruz do Rio Pardo. Disponível em: < encurtador.com.br/dwFKL >. Acesso em: 12 de junho de 2020.

Cunha, F. H., Studart, V. M. (2017). As “outras formas de acautelamento e preservação” do patrimônio cultural brasileiro. Revista de Direito da Cidade, vol. 09, nº 2. ISSN 2317-7721, p. 366-388.

Davies, R. (2008). A cultura é o futuro das cidades. IN. Coelho Teixeira (org.). A Cultura pela Cidade. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, páginas 71-86.

- Decreto nº 16.496 de 20 de julho de 2016. (2016, 20 julho). Diário Oficial do Município, São Paulo – SP. Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo.
- Ferreira, A. G. (2019). Rinha dos MC's e as Batalhas de MC's de Hip Hop na Cidade de São Paulo: Uma Compreensão Antropológica. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 838 – 860.
- Frederico, C. (2013). Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 239-255.
- Harvey, D. (2010). “A crise mundial é uma crise da urbanização”. Disponível em: <http://www.forumreformaurbana.org.br/_reforma>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População Estimada. São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santa-cruz-do-rio-pardo/panorama>> Acesso em 17 de julho de 2020.
- Marques, K., Carrijo, A. (2018). Divineia contou sua história no palco. [Entrevista concedida a] Sergio Fleury. *Jornal Debate*, Santa Cruz do Rio Pardo, 19 de novembro. Disponível em: <<https://www.debatenews.com.br/2018/11/19/divineia-contou-sua-historia-no-palco/>>. Acesso em: 07 de maio de 2020.
- Martins, J. S. (2001). “Depoimento”. In: *Espaço & Debates*, n 42, Periferia Revisitada. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. p. 75 a 84.
- Matta, F. L. (2009). O Funk no Brasil. (Viana, L. R. Entrevistador). Acesso em 14 de julho de 2020.
- Monteiro, J., Cipriano, T. (2019). Projeto social incentiva crianças a fazer fotografias do bairro: E assim possibilita um novo olhar para Vila Divinéia, uma antiga favela de Santa Cruz do Rio Pardo. [Entrevista concedida a] Rita de Cássia Cornélio. *JCNET - Jornal da Cidade Bauru*, Bauru, 04 de setembro.
- Nascimento, R. R., Bonini, L. M. M. (2017). A cultura como um instrumento de combate à violência urbana. *Revista Âmbito Jurídico*, São Paulo, nº 164 – Ano XX.
- Neves, C. A. B. (2017). Slams – Ietramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 22 de junho de 2020.
- Organização das Nações Unidas. (1993). Declaração e Programa de Ação de Viena. Viena. Disponível em <<https://tinyurl.com/wge3jnj>>. Acesso em 12 de junho de 2020.
- Ramos, S, Lemgruber, J. (2004). Criminalidade e respostas brasileiras à violência. In: *Observatório da Cidadania - Medos e privações: Obstáculos à segurança humana*. Rio de Janeiro: Ibase, p. 45-52.
- Secretaria Municipal de Comunicação. (2016). Manifestações culturais de Hip Hop do Circuito Batalha do Vale tem início neste mês. Disponível em:< <http://www.presidentepudente.sp.gov.br/site/noticias.xhtml?cod=33470>>. Acesso em 23 de julho de 2020.
- Tartaglia, L. (2013). A paisagem e o grafite na cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. n.7, 2013, p. 191-202.
- Vaz, S. (2008). *Cooperifa – antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano. p. 283.
- Vianna, H. (2006). *Central da Periferia: texto de apresentação*. Overmundo. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>>. Acesso: 09 jun. 2007.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge José Martins Rodrigues é economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL). Mestre e pós doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actor-red 15, 24

Agencia 15, 22, 65, 73, 133, 134, 218, 228

Agricultura familiar 61, 63, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Ambiente 21, 27, 34, 36, 39, 43, 67, 69, 77, 80, 83, 84, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 101, 104, 115, 116, 133, 136, 147, 172, 182, 183, 184, 185, 189, 197, 201, 208, 215, 216, 219, 232, 240, 241, 242, 243, 244, 248, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257

Andalucía 198, 201, 202, 203, 206, 207

Área ribereña 209

Arquitectura 15, 22, 24, 25, 204, 216

Articulaciones temporomandibulares 157, 159, 161, 165, 166

Artritis reumatoide 157, 158, 159, 160, 165, 166

B

Brasil 13, 34, 35, 51, 59, 60, 61, 77, 79, 81, 82, 84, 86, 96, 97, 99, 100, 101, 210, 230, 233, 234, 240

C

Celda solar 179, 184

Citizenship 1, 2, 12

Contaminación 108, 188, 220, 221, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 254, 256

Contestation 1

Convenio Europeo del Paisaje 198, 199, 203, 206

Conversión de energía 179, 180, 181, 183, 184, 185

Coronavirus 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 130

Corrientes turísticas 102, 105, 107

Costos de mitigación 187, 189

Costumbres y tradiciones 102, 104, 108, 110, 111, 114, 116, 117

Crisis 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 117, 122, 210, 215, 219

Cuestionario 112, 157, 159, 166, 177

Cultura 16, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 148, 201, 207, 210, 242, 247, 254, 256, 257

D

DAS 28 157, 158, 160, 162
Desenvolvimento local 37, 38, 39, 45
Dioxinas 242, 247, 248, 249, 250, 254

E

Efecto demostración 102, 116
Eficiencia energética 179
Emisiones de gases de efecto invernadero 187, 188, 191, 196, 197
Energía solar 179, 180, 181, 184, 185
Espacios naturales protegidos 198, 201, 202, 203, 205, 206
Estratégia 17, 37, 43, 45, 64, 78, 79, 167, 170, 176, 196, 219, 227
Estrategias de afrontamiento 167, 168, 169, 170, 175, 176, 177
Europe 1, 4, 5, 7, 11, 199
Existencia 48, 115, 119, 122, 124, 126, 129, 142, 147, 198, 202, 225
Extracción de recursos no renovables 187, 189, 195

F

Factores de Riesgo Psicosocial 167
Falsa gravidez 142, 146
Fatores 27, 29, 30, 31, 33, 40, 44, 132, 136, 142, 145, 146, 148, 151
Favela 47, 50, 53, 55, 58, 60
Floresta Estacional Semidecidual 231, 232, 233, 234
Floresta Ripária 231
Florística 231

G

Gestión integral del territorio 198
Gravidez psicológica 142

H

Huella hídrica 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227

I

Identidad 25, 105, 106, 108, 118, 199, 208, 209, 211, 212, 214, 216
Impactos culturales 102

Intensificação 218, 219, 227, 228

Intertextualidad 119

Inundações urbanas 27, 28, 29, 30, 34, 35

L

Lechería 219, 227, 228

Levantamento florístico 231, 232

M

Maria Tudor 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148

Marilyn Monroe 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Mentira patológica 150, 153, 154

Método 15, 19, 30, 44, 48, 58, 100, 135, 189, 203, 220, 250

Metodología Cualitativa 167, 170

Mitomania 150, 153, 154

Modelo 15, 19, 20, 23, 24, 27, 33, 38, 40, 43, 44, 47, 68, 77, 86, 105, 131, 133, 134, 146, 167, 170, 175, 176, 246

Movimentos sociais 13, 61, 63, 64, 73, 77

P

Paisaje 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216

Participación local 198

Pertencimento 47, 48, 49, 56, 58

Perturbação de Personalidade Borderline 131, 132, 136, 137, 138, 139

Planeamento 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45

Plástico 242, 245, 246, 247, 251, 257

Pluviosidade 27

Políticas públicas 39, 47, 58, 61, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 202, 203

Processo colaborativo 37

Processos 27, 28, 29, 45, 47, 48, 49, 61, 64, 66, 67, 69, 70, 73, 76

Projetos culturais 47, 48, 52, 54, 58

Pseudociese 142, 145, 147, 149

Pseudogestação 142

Pseudologia fantástica 150, 151, 153, 154, 156

R

Radiación 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Receita média 80, 81, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97

Resorts 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101

S

Salud laboral 167

Saúde mental 131, 132, 133, 136, 139, 141

Semiárido 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78

Suicídio 132, 134, 136, 137, 138

Sustentabilidad 219, 228, 229

Sustentabilidade 37, 77, 79

T

Taxa de ocupação 80, 81, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 98

Transformación 119, 122, 123, 129, 201, 205, 211, 224, 254

Transtextualidad 119

TRevPAR 80, 81, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

U

Ultrasonido 157

Unicel 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257

Urbanicidade 47

V

Violencia laboral 167, 170, 176, 177